



OS CAMINHOS DA FILOSOFIA E EPICURO

Marcos Adriano Zmijewski¹

A atividade filosófica, entre os gregos, nem sempre foi vista com bons olhos. Testemunho disso é a morte de Anaxágoras e, posteriormente, a de Sócrates, ambas reflexo dos ideais que estes tomaram para si, ideais que eram fruto do exercício de qualificação da própria inteligência e do espírito livre, requisitos do exercício de filosofar. Se o fim trágico desses dois filósofos anunciava, ainda que indiretamente, o perigo de ocupar-se com tal atividade, a expansão do império macedônico convidava efetivamente o filósofo a retirar-se do espaço público, agora sob ameaça direta de perseguição. É neste contexto que surgem as chamadas filosofias helenísticas, dentre as quais encontra-se o epicurismo.

Antes de filosofar para a *pólis*, isto é, de colocar o *pensar* a serviço de um modo de viver que atendesse aos interesses e necessidades de uma coletividade que se encontrava sob o julgo de forças exteriores, Epicuro e os epicuristas buscaram devolver ao homem grego a serenidade e o bom ânimo de que foi privado. Isto exigia que ele (i.e., o homem grego), antes de procurar fora de si os princípios orientadores do seu *pensar* e *agir*, buscasse na própria interioridade a germinação de um modo propriamente humano de viver: eis o caminho para a verdadeira liberdade². Não significava a negação por inteiro dos parâmetros cívicos, e sim o provimento de um *cosmos-para-si* que promovesse uma renovação dos usos e costumes tradicionalmente cultivados. Sob a alcunha de novo, via-se (re)surgir o antes sob renovado sentido.

A filosofia, neste momento, constituía-se numa ferramenta de uma totalidade abarcadora de indivíduos, e não somente de um grupo seletivo. Considerada como um

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: zmijewski.filo@gmail.com.

² EPICURO. *Sentenças Vaticanas*. Trad. e comentários de João Quartim de Moraes. São Paulo: Ed. Loyola, 2014, 77.

caminho para se chegar ao estado de *ataraxia* (i.e., de imperturbabilidade de corpo e alma), todos deveriam se servir dela, independentemente do *status* e da posição que ocupavam dentro da *pólis*. A filosofia apresentava-se, para as filosofias helenísticas, como uma espécie de *medicina da alma*³. Dado que a vida havia ficado difícil, todos deveriam, se velho ou se novo, dedicar-se ao estudo da disciplina que faz com que vivamos entre bens imortais⁴. É por isso que Epicuro, no Jardim, convidava todos a participarem dos seus ensinamentos: mulheres (damas de família e cortesãs), serviçais e estrangeiros. No entanto, o fato de reunir num único e mesmo espaço homens e mulheres, ricos e pobres, logo despertou o imaginário⁵ dos que se encontravam *fora*, ao ponto destes (os que não conheciam efetivamente o que acontecia no Jardim) começarem a divulgar tudo aquilo que supostamente, estando lá dentro, eles fariam, mas que não condizia de modo algum com a realidade da escola epicurista. Antes de mais nada, cultivava-se lá um modo de vida dentro dos parâmetros de moderação e amizade.

Escrevendo principalmente contra a superstição⁶, a qual constituía-se numa grande fonte de perturbação da mente humana, Epicuro quis libertar a todos das amarras promovidas pela ignorância a respeito dos fenômenos celestes. Em seus escritos de física, o filósofo (que o número de amigos não poderia ser medido em cidades inteiras⁷) procurou mostrar que os deuses não possuem uma função ativa em nossas vidas, de modo que tudo o que acontece no mundo não é senão reflexo do entrelaçamento dos átomos que circundam no espaço vazio. Não há razões para crermos que os deuses estão a todo o tempo nos vigiando e nos punindo, como sustentava o senso comum da época – e que ainda impera nos dias de hoje!

A primeira fase da filosofia epicurista tem como escopo, portanto, promover um modo de vida, a partir do exercício de filosofar, que pudesse restituir o ânimo do homem grego frente aos problemas que este enfrentava, quer no domínio cívico, em virtude do desencantamento das *poleis* gregas, quer no da vida privada, na qual prevalecia o crer supersticioso. Trata-se de uma doutrina filosófica que, assim como o estoicismo, é um produto de seu tempo, ou seja, seu nascimento é fortemente marcado

³ DUVERNOY, Jean-François. *O epicurismo e a sua tradição antiga*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 77ss.

⁴ EPICURO. *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 21.

⁵ SPINELLI, Miguel. *Os caminhos de Epicuro*. São Paulo: Ed. Loyola, 2009, p. 143.

⁶ LUCRÉCIO, Tito Caro. *Da natureza*. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973, I, v. 60-70.

⁷ Diogenes Laertius. *Lives of Eminent Philosophers*. Trad. R. D. Hicks. Vol. 2. Bilingue grego-inglês. Loeb Classical Library, 1925, X, 9.

pelas condições materiais do período (séc. IV-III a.C.). Tendo isso em vista, sempre que nos dirigimos ao estudo das chamadas filosofias helenísticas, devemos ter o cuidado de antes compreender as condições nas quais elas se fundaram, para não incorremos em erro e injustiça para com elas. A maior riqueza reside, certamente, no fato delas se proporem a conceber a filosofia não como uma mera disciplina acadêmica vinculada ao *fazer ciência*, e sim como um *modo de vida*.